

**EDITORIAL**

A revista Bagoas de estudos gays, gênero e sexualidades apresenta-se como espaço de construção coletiva, crítica e resistência, na medida em que aborda temas imprescindíveis no debate contemporâneo, manifestando uma vocação interdisciplinar e transdisciplinar, lugar de produção e disseminação de conhecimentos, numa parilha constante acerca das diversidades e dissidências de gênero e sexuais.

No entanto, pensar o espaço de resistência e mesmo transgressão em que se constitui a revista, neste momento, nos leva a um questionamento inevitável, como elaborar um apelo a reflexão com vistas a referendar a importância do conhecimento científico, diante do contexto que se afigura, em que o espectro do anti-intelectualismo atinge frontalmente as ciências humanas, e mais especificamente as ciências sociais, desqualificando-as para o deleite de um grupo cada vez maior de negacionistas, e procurando minar os debates que são impulsionados pelas referidas ciências, empenhadas que estão em fornecer análises vigorosas, críticas e com potenciais emancipatórios para as crises tantas que irrompem no mundo social. Nesse sentido, comunicar, divulgar e disseminar resultados através das publicações nos mais diversos periódicos, sobretudo numa revista voltada aos estudos gays, de gênero e sexualidade, demanda luta e resistência coletivas, face aos ataques conservadores que assomam em várias partes do mundo.

Sabemos que as discriminações, opressões e preconceitos sofridos pela comunidade LGBTQIA+ nada mais são que reflexos claros de uma recusa dessas dissidências, que, ao existirem e exibirem seus corpos nos espaços comuns, resistem e elaboram formas de (re)existências, como afronta ao regime político-social que enquadra essas populações de forma abissal, do lado da inexistência, produzida em função de uma gramática heteronormativa que rege vidas e corpos que não tem sua humanidade reconhecida, o não reconhecimento implica na impossibilidade de se produzir “responsabilidade ética” sobre estes sujeitos, bem como proteções sociais capazes de acolher essas existências dissidentes.

A heteronormatividade espera que os sujeitos que borram as fronteiras de gênero e sexuais, indo de encontro a perspectivas fundamentalistas e deterministas, inscrevam-se em bizarras equações rigidificantes, enquadrando-os em normas materializadas em uma suposta relação inextrincável entre corpo, sexo, gênero e sexualidades, que seguiria linearmente rumo à lógica da heterossexualidade compulsória.

Assim, os artigos que compõem a 21ª edição, oriundos do fluxo contínuo de recepção da revista, são apresentados tendo como fio condutor o questionamento acerca da falaciosa suposição de que a heterossexualidade seria a ordem natural dos desejos e fornecendo potencialidades de resistência ao instituído, além de atualizar as perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares, que se pode perceber nos escritos tecidos na relação entre as esferas da produção de conhecimentos, da política e do ativismo – conhecimentos que, como em Boaventura (2019), nascem nas/das lutas, com vistas a produzir emancipação e transformação social – e da incorporação da arte como ferramenta de construção, interpretação e apreensão da realidade vivida. Os artigos deslizam da análise da literatura de cordel-para a análise fílmica, as performances de voz e as performances contestadoras. Além de construções que operacionalizam a imbricação entre esporte e corporeidades masculinas *queer* nos espaços públicos, a partir da corrida de rua. As interrogações acerca desses outros que aparecem nas telas, cordéis, palcos e ruas demarcam o potencial transgressor dessas existências que se colocam (contra)heteronormativamente.

Nessa perspectiva de interlocução entre essa pluralidade de escritos relacionados à desconstrução da heteronormatividade, fundados nos estudos de gêneros e sexualidades, contamos ainda com discussões acerca de reflexões sobre a população LGBTQIA+ e as implicações das sexualidades no que tange à aplicabilidade das políticas públicas de saúde integral dessa população, além de construções mais voltadas para um entendimento das atitudes e comportamento dos profissionais de saúde

no atendimento a essa população – que resultaria numa compreensão do seu processo de formação e como este ecoaria na sua prática profissional. Em ambos os artigos referendamos a apreensão e apresentação da dimensão socioantropológica da categoria saúde, não incorrendo no reducionismo por vezes tão comum-que se constitui ao pensar o processo saúde e doença a partir de um viés exclusivamente tecnicista e biologizante. A ênfase na perspectiva relacional reconhece o referido processo enquanto construção social, cultural e histórica, o que permite repensar as políticas de saúde, bem como a resignificação das atitudes cotidianas dos profissionais.

O artigo “La película “lejos del paraíso: un análisis de (construido) del género, roles y orientación homosexual”, de Douglas Verbicaro Soares, utiliza a obra cinematográfica citada no título do referido artigo como ferramenta para pensar gênero, sexualidades, papéis sociais, mas não apenas, com vistas a apontar a necessidade premente de combate às diversas formas de discriminação e seus impactos nas existências cotidianas dos sujeitos apresentados na película, na medida em que estes vão de encontro à lógica patriarcal, conservadora e heteronormativa. Existências relegadas ao silenciamento ou à estereotipia, mesmo na mídia, que deveriam ser inseridas como meio de reconhecimento, identificação e visibilidade pública.

A obra cinematográfica surge no artigo como ensejando sensibilização diante de temas como gênero e orientação sexual, importante salientar a marcação do tempo histórico, final da década de 50 e todo o ideário de família, que fixava os papéis femininos e masculinos. No entanto, os desejos renegados pelos valores da sociedade circundante são positivados, tornando o filme analisado, segundo o autor, “fonte de inspiração para a consciência sociocultural”.

No artigo intitulado “O cordel de militância lésbica: luta política, higienização e ruptura de um *éthos*”, a autora Rozeane Porto Diniz toma a

literatura de cordel, em sua potência poética, como texto que se inscreve corporalmente, no mesmo movimento que escreve a lesbianidade, tematizando as representações de gênero nessas produções. Indo desde o ato de nomear que se apresenta como construindo o reconhecimento de existências, e, por conseguinte, produzindo visibilidades, na medida em que apropriado positivamente em sua dimensão política e identitária. A construção das protagonistas dos cordéis, que se efetiva enquanto lugar de enfrentamentos e resistências à lógica heteronormativa, fundada na “apropriação de seus amores, afetos, corpos e práticas de sexualidade”, pensadas aqui como sujeitos históricos, que, como nos diz a autora, têm a possibilidade de escolha diante da apropriação dessas identificações.

O terceiro artigo que integra a revista, intitulado: “Análise qualitativa das atitudes de profissionais de saúde no atendimento oferecido às usuárias lésbicas”, os autores Michael A. Souza de Lima e Ana Alayde W. Saldanha; abordam o atendimento à saúde de mulheres lésbicas a partir das atitudes da equipe de profissionais que atuam em Unidades de Saúde da Famílias (USF) Através de estudo exploratório e descritivo, com ênfase na perspectiva qualitativa, os autores observaram posicionamentos diversos no que tange à compreensão acerca da lesbianidade, fundada na heteronormatividade enquanto estruturando as relações e práticas sociais, bem como a percepção de corpos legítimos, o que, no processo de atendimento em saúde, tendia a provocar alterações que redundavam em atitudes discriminatórias por parte de alguns profissionais. Essas atitudes lesbofóbicas geravam apreensão por parte das usuárias no sentido de revelar sua orientação sexual, o que resvalava para a negação de direitos, bem como do reconhecimento de demandas e necessidades específicas no atendimento disponibilizado a essa população e suas particularidades em saúde. Dessa feita, a pesquisa forneceu uma percepção acerca das vivências de mulheres lésbicas nos serviços de saúde da atenção básica, que poderá contribuir para a elaboração de políticas públicas humanizadas para essa parcela da população.

O artigo intitulado “Política Nacional de Saúde Integral LGBT: ações teóricas e práticas no estado da Paraíba/Brasil”, da autora Marina Batista Chaves Azevedo de Souza, procura compreender os níveis da institucionalização de ações baseadas na referida política, pensada em termos teóricos, como fundamental para o reconhecimento das demandas e especificidades dessa parcela da população, em condição de vulnerabilidade. No entanto, a autora aponta para o fato de que a existência das políticas públicas destinadas ao atendimento de parcelas específicas da população não se constitui enquanto garantia para efetivação das ações decorrentes das mesmas. Assim, o estudo realiza um recorte geográfico que define o Estado da Paraíba como espaço de análise, com vistas a compreender os aspectos políticos, em função da descrição das ações realizadas tendo por base a Política Nacional de Saúde LGBT, da identificação dos níveis de institucionalização da política, e em que medida esses processos sociais passam a direcionar as ações, a partir do discurso da gestão com vistas a analisar a implementação da referida política. Para tanto, o viés metodológico adotado baseou-se numa pesquisa empírica com abordagem qualitativa, consistindo em um estudo de caráter exploratório e descritivo, com a utilização de um roteiro de questões abertas, elaborado com base no modelo teórico de Tolbert e Zucker. Resulta da pesquisa a percepção acerca dos avanços na implementação das ações e serviços embasados na Política Nacional de Saúde da população LGBT, no Estado da Paraíba, sobretudo quando comparadas às outras regiões brasileiras. Os avanços mencionados estariam ancorados em aspectos como a intersetorialidade; não apenas entre secretarias mas com o desenvolvimento de parcerias com o movimento social organizado, além de, segundo a autora, observar um rompimento com a perspectiva heteronormativa, determinante no que diz respeito a práticas discriminatórias comuns ao setor da saúde.

“O falsete do contratador Jakub Józef Orlinski: sexo, escutas de gênero e os usos dos corpos midiáticos, artigo apresentado por Daniel

Magalhães de Andrade Lima, investiga o trabalho do cantor falsetista Jakub Józef Orłowski, suas aparições e enquadramentos midiáticos, com vistas a compreender as maneiras pelas quais as vocalidades, a partir de performances - espaços onde os processos de diferenciação de sexo/gênero são percebidos - tendendo a “projetar e produzir discussões hegemônicas sobre gênero e vocalidade”, que em se dando no espaço midiático - especialmente na cultura musical audiovisual - produz constantes reatualizações. O autor aponta ainda os efeitos da presença das personas midiáticas, como produzindo agenciamentos e informações capazes de construir possibilidades de fabulação, que, fundada numa perspectiva reducionista do gênero, opera normatizando e classificando os corpos e suas vocalidades. Com vistas a conduzir sua investigação, o autor observa “as maneiras como as performances do cantor circulam em rede formam constelações performáticas - agenciando videoclipes, falas de si em seu Instagram, perfis jornalísticos”. Assim, o papel performático do contratenor consegue suscitar, a partir das performances, um deslocamento da masculinidade de Orłowski, reenquadrando uma potencial feminilidade do seu cantar, que produz dissonâncias de gênero, na medida em que o soar da voz é ouvido sob o signo do erro, operando um desvio da matriz de gênero centrada na cisgeneridade e na lógica heteropatriarcal.

O artigo intitulado “Problematizações sobre masculinidades *queer* em uma edição de corrida de rua”, dos autores Rafael Marques Garcia, Alan Camargo Silva e Erik Giuseppe Barbosa Pereira nos oferece a narrativa da vivência de um corpo *queer* - pensado em seu potencial de ininteligibilidade, na medida em que, como afirmam os autores, geram identificações múltiplas - em uma corrida de rua. Salientamos a potência do artigo em função de uma reflexão teórica densa, com vistas a subsidiar a análise proposta, em sintonia com a metodologia utilizada, uma abordagem qualitativa com base na experimentação de campo. Destaco sobremaneira a descrição da vivência no espaço em que foi realizada, que traduziu claramente a heteronormatividade a reger vidas e corpos, fun-

dada numa lógica binária de gênero que abomina inscrições do feminino em corpos masculinos, e seu contrário. O autor principal realizou a prova, utilizando uma indumentária composta por um elemento que se inscreve enquanto parte do universo feminino, causando reações diversas nos trajetos percorridos, em função do ato subversivo de (re)escrita de um corpo masculino adornado com símbolos identificados como femininos. O espaço de experimentação, aquele da corrida de rua, enquanto esfera da prática esportiva, revelou-se, como as demais esferas do social, lugar de controle, vigilância e policiamento de corpos que rompem com a heteronormatividade, se inscrevendo numa perspectiva *queer*. O que redundou, segundo os autores, na necessidade premente de desenvolvimento de “políticas educativas amplas que discutam e reconheçam as diversidades e inúmeras outras formas de se expressar e se viver”.

No artigo “Fazendo política no cu do mundo: decolonialidade *queer* na performance de Hija de Perra”, de Thiago Henrique R. dos Santos, o autor empreende uma “viagem” cujo roteiro passa pelo sentido de política, a apresentação do pensamento decolonial e *queer*, e suas conexões possíveis, a caminho da performance monstruosa da chilena Hija de Perra. Pensando os sentidos políticos e do dissenso, do “emudecimento do outro”, a partir de uma lógica arbitrária e colonizadora de ignorar algumas vozes, o autor investiga os silenciamentos, através do pensamento decolonial. O que implica em reconhecer que “certos corpos, sexualidades e gêneros dissidentes”-são produzidos como inexistentes na medida em que vemos as colonialidades sobreviverem ao fim da colonização histórica, e seguir marcando a ferro a alteridade. Para compreender o percurso empreendido na viagem, é proposta uma interface entre teoria *queer* e o pensamento decolonial com vistas a desestabilização das “verdades universais”, rumo a construções teóricas que deem conta desses corpos dissidentes e de outras formas de pensar, sentir e ser. A chegada enquanto fim provisório dessa viagem, seguindo o que ele chama de “rastros digitais” ocorre com o encontro, com a presença, o cor-

po, e as performances “monstruosas” de Hija de Perra, enunciando sua escrita a partir dos registros audiovisuais, para apresentá-la enquanto como potência política de desestabilização da norma, através da denúncia corporificada, discursiva e mobilizada nas performances descritas, colocando-se frontalmente em oposição a à heteronormatividade. O artigo se inscreve a partir da imbricação entre uma política afrontosa, o decolonial e o *queer*.

A Bagoas tem se afirmado como espaço de construção e apresentação de um conhecimento potente em sua pluralidade, onde podemos pensar juntos e pelo qual devemos lutar. Lugar de partilha de um pensamento que se quer emancipatório e transformador - desde o momento em que se contrapõe à normalização, e à heteronormatividade - elaborando maneiras de se tornar ação concreta. Nesse sentido pensamos como em Eribon (2008), ao tratar da questão gay, que “pesquisas feitas nesse campo são, primeiramente e antes de tudo, no que tem de melhor, avanços do conhecimento, das incitações ao pensamento, das provocações à reflexão” Os artigos que compõem esta edição seguem a vocação transdisciplinar da revista, pautada que está na profusão de temas apresentados, e nas imbricações teórico, epistemológicas e metodológicas que entrevemos na feitura dos mesmos – contribuindo para traçar trajetórias para uma luta comum, novos jeitos de estar no mundo, buscando espaços como este, onde possamos inventar a liberdade.

Além dos artigos que compõem a revista, esta edição traz uma nova seção que passará a integrá-la permanentemente: A(R)Tivismo. Inaugurada na perspectiva acima aludida, como espaço de criação e liberdade artística. Espaço de confluência entre o pensamento científico e o fazer artístico, na medida em que consideramos a arte não apenas como lugar de representação da realidade mas de criação de realidades outras, advindas da relacionalidade com o mundo e com os outros – criativamente.

As manifestações artísticas que pretendemos divulgar não se conformam à ordem vigente, não estão conectadas com aspectos como a opressão, a intolerância e a violência. É uma arte que se abre à alteridade enquanto instala a estranheza e a dúvida, com vistas a inspirar a transformação – portanto, libertária e humanista.

Expressar a relação entre ciência e arte, torna-se possível a partir da perspectiva transdisciplinar, compreendida como em Nicolescu (2000), em que o prefixo “trans” aponta/aciona “aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina”. Na procura pela unidade do conhecimento como parte e parcela de uma necessária compreensão do mundo.

Assim, o diálogo criativo entre a arte e o pensamento da ciência, fundado que está na transdisciplinaridade, no retorno ao sensível, com ênfase na criatividade, na estética e na ética, também tem um impacto profundo na projeção de outros futuros possíveis.

A arte é denúncia acerca dos enquadramentos que negam o reconhecimento ao que, sendo produzido como ininteligível, é construído como abjeto. Nesse sentido, partimos de Judith Butler (2001) para compreender esse abjeto enquanto aquilo que é rejeitado, silenciado e produzido mesmo como inexistente. O que implica que o abjeto estará sempre presente enquanto ameaça constante, na medida em que o sujeito, não aparecendo como adequadamente generificado, terá sua humanidade questionada. Produzindo atitudes que deslizam da ojeriza, ao pavor, à recusa e ao desejo de destruição de uma corporeidade que põe em risco a estabilidade dos sujeitos legítimos – enquadrados na perspectiva heteronormativa. O abjeto recusado, assim como seu oposto, o ideal pressuposto, serão regulados pelo normativo. Butler irá pensar em formas de conceber a possibilidade de determinadas vidas, através da denúncia daquilo que define quais vidas serão consideradas “vivíveis” e quais serão recusadas e apresentadas como menos que humanas.

Experimentalmente, utilizaremos termos como A(R)Tivismo, estética queer, “arte engajada”, “design ativista”, entre outras possibilidades, como forma de designar um fazer artístico como potência afirmativa, estratégia estética, ética e política, que operam e possibilitam a resistência, a subversão e construção de existências possíveis. Na medida em que põem em cena corporeidades dissidentes, desconstroem estereótipos e problematizam a intersecção entre gênero, sexualidade, raça, classe e demais marcadores sociais da diferença, desalojando a fixidez e a previsibilidade de determinadas posições, inscrevendo-se na imbricação entre atividade artística e engajamento social.

As produções artísticas também fabricam o que deve ser reabilitado a partir do seu caráter de abjeção construído, brincando com a percepção através do que enunciam, como enunciam e para quem, sendo a arte aqui libertadora, já que, em sua função de crítica, nos permite lançar mão de outros enquadramentos possíveis.

Aliar o design ao ativismo é pensá-lo a partir do seu lugar de ferramenta para construção de práticas criativas que evocam questões políticas, sociais, culturais e éticas, deslocando-o da esfera do mercado, na medida em que não se restringe a enunciar artefatos, mas aponta maneiras de alterar as condições e modos de vida. O “design ativista” é instrumento de resistência e subversão diante da ordem vigente, na medida em que tem a potência de atribuir e modificar significados, borrar as identidades solidamente erigidas dentro de uma lógica heteronormativa, desorientar os códigos dominantes, a partir de produções contextualizadas social e culturalmente.

O conteúdo que irá compor a nova seção apresentada nesta edição foi elaborado a partir da parceria entre a EDUFRN e o Curso de Design da UFRN, e o subsequente desenvolvimento de trabalhos realizados pelos discentes do Bacharelado em Design desta instituição, realizado no segundo semestre de 2019, centrado na proposição de criação da capa

da edição 21 da revista Bagoas, em disciplina que desenvolve a criação e diagramação de diferentes materiais editoriais, especialmente os artefatos periódicos, visando instrumentalizar os discentes com vistas ao exercício do olhar crítico sobre um dado objeto de estudo e pesquisa, na interface entre design e humanidades.

O fazer artístico se deu processualmente, na medida em que, para a produção das ilustrações que irão compor esta edição, os discentes exploraram livremente as técnicas de representação visual, que perpassam a fotografia, a aquarela, a ilustração digital e a colagem, além de etapas mais específicas referentes à proposição de desenvolvimento das obras, que partiram da compreensão do conteúdo editorial da revista, um debruçar-se sobre a identidade da revista e os elementos gráficos que reforçam os valores transmitidos nas ilustrações e capa, seguido de uma imersão nas referências bibliográficas que tratam não apenas dos aspectos técnicos referentes à área em questão mas leituras relativas às ciências sociais e humanidades, além de estudos de gênero e sexualidade. Além desses aspectos procedimentais, cabe apontar a importância da reflexão coletiva sobre aquilo que estava sendo produzido. Consideradas todas as etapas para criação e consecução das obras, e a necessidade de explorar cada técnica de criação de imagem na imbricação entre sensibilidade artística, técnica e ciência, foi elaborado um conceito que fornecesse uma interpretação singular da mensagem editorial, por meio de uma representação visual potente, considerando que a capa é o primeiro contato do leitor com o conteúdo de cada edição.

Ao final da atividade de criação de propostas de capa para a edição 21, em função da qualidade dos trabalhos produzidos pelos discentes, e das dimensões contraheteronormativas, e enquanto tal, despatriarcalizadoras – como forma de combater a lógica patriarcal, sexista e LGBTfóbica, que implica no silenciamento e invisibilização das mulheres em geral, mas também das mulheres lésbicas, das mulheres trans, e por fim, de todas as sexualidades dissidentes - presentes nas obras, empreendemos a escolha

da capa, o que nos fez despertar para a proposição e para criação da nova seção, na medida em que as propostas de capa, se configuravam na verdade enquanto aquilo que podemos denominar de “design ativista” - a parte as várias interpretações possíveis - fundamentado numa estética *queer*. Importante salientar que as potencialidades da perspectiva *queer* não se esgotam na inclusão da diversidade sexual enquanto pauta, mas no questionamento de um suposto gênero “original” – o que permitiu a produção de obras que se opuseram a uma cultura visual hegemônica, na medida em que ferramentas conceituais foram acionadas para a construção dessa imagética contraheteronormativa.

Assim, a seção A(R)Tivismo, passa a integrar a revista permanentemente, com vistas a exposição de produções artísticas que se insiram nas perspectivas mencionadas, sendo que a apresentação das propostas que irão compor as próximas edições da revista, também será recebida em fluxo contínuo – no mesmo formato de recebimento dos artigos. As produções artísticas serão avaliadas e selecionadas a partir dos mesmos critérios utilizados para apreciação dos artigos.

Pretendemos que as experiências estéticas provocadas pelas produções artísticas apresentadas - seja um caminho profícuo de abertura à alteridade e à diversidade do mundo, na medida em que acreditamos, como em Morin (2000, p.45), que “(...) as artes levam-nos à dimensão estética da existência e - conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. (...) Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Anne Damásio  
*Editora*